

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Laura dos Santos Gaiato

GEOGRAFIA E MEDICALIZAÇÃO

O papel do ensino de Geografia na luta contra a patologização da infância

São Paulo

2022

LAURA DOS SANTOS GAIATO

GEOGRAFIA E MEDICALIZAÇÃO

O papel do ensino de Geografia na luta contra a patologização da infância

Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de concentração: Geografia Humana

Orientadora: Profa. Dra. Paula C. Strina Juliasz

São Paulo

2022

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus e aos meus guias pela luz e sabedoria em meus caminhos. Agradeço imensamente à minha mãe, Maria Delfina, por todo o apoio e suporte não só na elaboração deste trabalho e nos meus anos de graduação, mas na vida e em meu crescimento.

Ao Departamento de Geografia da FFLCH - USP pelos aprendizados dentro e fora das salas de aula, aos professores por cada ensinamento e também pelos trabalhos de campo, essenciais para a minha formação como geógrafa. Em especial agradeço pela orientação humana e acolhedora da Profa. Dra. Paula Juliasz, exemplo de docente empática e responsável.

Agradeço aos meus colegas de curso e amigos que dividiram os bons e maus momentos da graduação desde 2017, especialmente Tamires, Thalita Lopes e Thalita Vitoria. Eu nada seria se não fossem vocês. Ao coletivo universitário Bateria Manda Chuva, que me trouxe a noção de pertencimento ao espaço da faculdade e tão bons amigos, importantes fora da sala de aula e do espaço do vão. Obrigada, Yasmin, por dividir esse coletivo, seu amor e as peripécias da vida comigo.

Aos meus colegas e amigos de trabalho, onde pude crescer pessoal e profissionalmente. À minha coordenação, tão carinhosa e compreensiva, e especialmente aos professores Rafael e Bianca, por todo o apoio, sabedoria compartilhada e momentos de descontração. Vocês são exemplos de educadores e profissionais, obrigada por toda a ajuda sempre que precisei.

A todos que caminharam comigo e me deram forças durante a elaboração deste trabalho, meu mais sincero agradecimento. Obrigada a todos que acreditaram em mim.

Por último, mas nunca esquecido: Filipe Varea Leme, presente hoje e sempre!

RESUMO

GAIATO, Laura dos Santos. Geografia e Medicalização: o papel do ensino de Geografia na luta contra a patologização da infância. 2022. 24 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

O presente trabalho pretende discutir a medicalização da infância e da educação através de autores como Maria Helena Souza Patto, Rinaldo Voltolini, Renata Guarido e outras produções acadêmicas voltadas para o tema, colocando a configuração da sala de aula atual sob uma perspectiva crítica. Abordando o assunto com base na psicologia histórico-cultural de Lev Vigotski, discutiremos o crescente número de diagnósticos de TDAH e outros transtornos de aprendizagem para, por meio da observação de aulas de Geografia do início do Ensino Fundamental Anos Finais, apresentar uma possível visão sobre o papel do ensino de Geografia na luta contra a patologização da infância.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Medicalização. Patologização da infância.

ABSTRACT

GAIATO, Laura dos Santos. Geography and Medicalization: the role of Geography teaching in the fight against the pathologization of childhood. 2022. 21 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022

The present work intends to discuss the medicalization of childhood and education through authors such as Maria Helena Souza Patto, Rinaldo Voltolini, Renata Guarido and other academic productions focused on the theme, placing the configuration of the current classroom under a critical perspective. Approaching the subject based on the historical-cultural psychology of Lev Vygotsky, we will discuss the growing number of diagnoses of ADHD and other learning disorders to, through the observation of geography classes at the beginning of Elementary School Final Years, present a possible view on the role of teaching Geography in the fight against the pathologization of childhood.

Keywords: Teaching Geography. Medicalization. Childhood pathologization.

*“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua
própria produção ou a sua construção.”*

Paulo Freire

“Tell me and I forget, teach me and I remember, involve me and I learn.”

Benjamin Franklin

*O que é uma criança inquieta de corpo e alma
senão uma criança?*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1: SOBRE A MEDICALIZAÇÃO.....	10
CAPÍTULO 2: O ENSINO DE GEOGRAFIA.....	12
CAPÍTULO 3: EXPERIÊNCIAS EM SALA DE AULA.....	14
3.1. Observação no 6º ano A.....	15
3.2. Observação no 6º ano D.....	17
CAPÍTULO 4: GEOGRAFIA E MEDICALIZAÇÃO.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23

INTRODUÇÃO

Na atualidade, temos observado discussões a respeito do crescente uso de medicações controladas em crianças diagnosticadas com transtornos disruptivos de aprendizagem e seus efeitos na educação. Diagnosticamos e tratamos o fenômeno da não-aprendizagem como um problema da esfera biológica, quando, na verdade, há muito mais por trás do comportamento infantojuvenil.

O objetivo deste trabalho é trazer à luz das discussões sobre a sala de aula e o ensino de Geografia a problemática da medicalização da educação e da patologização da infância. Vejo na Geografia a potência de mudar a sala de aula do jeito que a conhecemos, de pararmos de recriminar nossas crianças com a tentativa de homogeneização que a escola capitalista almeja, e por isso quis discuti-lo em meu Trabalho de Graduação Individual.

Para tanto, utilizei da pesquisa bibliográfica acerca do tema da medicalização na educação e realizei observação de aulas de Geografia no início do Ensino Fundamental Anos Finais em uma escola particular bilíngue da zona sul de São Paulo, onde trabalho como assistente da coordenação, para associar conhecimentos e pensar numa sala de aula que fosse de encontro com o necessário para valorizar a potencialidade de cada uma de nossas crianças. Foram observadas duas aulas na turma A do 6º ano e duas aulas na turma D, também do 6º ano, duas salas consideradas pelos professores, coordenação e pelos próprios alunos como agitadas.

O primeiro capítulo traz um breve histórico do termo medicalização e como ele foi utilizado na educação para ilustrar a patologização da infância e da vida.

O segundo momento busca discutir o papel da Geografia em específico e de como ela se relaciona com a abordagem da medicalização exposta anteriormente.

No terceiro capítulo, descrevo as observações de aulas, a escola, a sala de aula e a temática observada, bem como as relações dos alunos com o conteúdo e com o professor para, em seguida, no quarto capítulo, pensar no papel do ensino de Geografia em combater a patologização da infância explicitada ao longo do trabalho.

O último capítulo relembra os possíveis impactos da pandemia de COVID-19 na socialização dos alunos, se relacionando diretamente com os transtornos disruptivos que tratamos ao longo do texto. Fica, neste capítulo, o questionamento sobre o que devemos e podemos, como educadores e como sociedade, fazer dentro

e fora da sala de aula por um futuro menos paralisante para nossas crianças, em que comportamentos não sejam taxados como doenças e elas possam ter liberdade para exercer o pensamento crítico que devemos estimular.

CAPÍTULO 1: SOBRE A MEDICALIZAÇÃO

Esta pesquisa se estrutura a partir do conceito de medicalização, que é usado desde 1970 em estudos do campo da medicina e psicologia. Cabe ressaltar a diferença entre os termos medicação e medicalização para não adotarmos a postura de negação às práticas médicas. A “medicação” é uma prática importante no âmbito da saúde, sendo a administração de substâncias químicas quando se diagnostica a existência de uma doença orgânica, para a qual não haveria outra forma de cura ou tratamento (EIDT, TULESKI, FRANCO; 2014). Já em relação ao termo medicalização, o significado é outro. Medicalizar um fenômeno implica, no sentido geral, reduzir as problemáticas sociopolíticas a questões de foro privado e individual (VOLTOLINI, GUARIDO; 2009). Ou seja, transformar em um problema de ordem biológica algo que se desenvolve na esfera social. Em sua tese, Karina Gomes Giusti (2016) nos traz informações importantes sobre esse processo:

Conrad e Schneider (1992) examinam as questões sobre o processo de medicalização e controle social. Suas análises demonstram que o processo de medicalização pode ser compreendido quando problemas não médicos passam a ser definidos e tratados como problemas médicos, em termos de doenças ou distúrbios. Os autores mostram que os diversos estudos sobre a questão da medicalização apontam para a mesma vertente: àquela que direciona os problemas humanos para o campo da jurisdição médica. De acordo com os autores, a medicalização pode ocorrer em três níveis: o conceitual, o institucional e os níveis de interação. No plano conceitual, o vocabulário médico é utilizado para definir o problema; no nível institucional, as organizações abordam o problema em termos médicos, e no nível da interação, os médicos estão diretamente envolvidos. Em outras palavras, a medicalização acontece quando a medicina define um problema social com um formulário médico e o trata através de seus termos, com ou sem prescrição de medicamentos. (GIUSTI, 2016, p. 96)

Segundo Voltolini e Guarido (2009), o objeto da medicina foi, até certo momento histórico, quase que exclusivamente a investigação sobre as doenças, suas causas e suas terapêuticas; medicalizar um fenômeno ou acontecimento significava, então, patologizá-lo. Essa é uma prática facilmente visualizada nos remédios para dores de cabeça, por exemplo, em que a medicação é utilizada e vendida como um objeto que salva seu dia e te permite seguir com sua rotina atribulada sem intercorrências. É ignorado que o estresse, a sobrecarga, a baixa remuneração e até as relações interpessoais do cotidiano podem ser os causadores dessas dores de cabeça e atrapalham nossa rotina, nosso bem estar e longevidade.

Assim acontece com a dificuldade de aprender, que vem sendo considerada sintoma de uma série de doenças (hiperatividade, déficit de atenção, dislexia, depressões). A criança com dificuldades de aprendizagem é colocada em uma posição culpabilizante, sendo a indisciplina o principal fator da equação. Mas ela, sozinha, não pode ser auto explicativa, o que faz com que procuremos respostas ainda mais individualizantes. Assim, encontramos respostas na biologia, nas sinapses cerebrais, nos descontroles hormonais e outros distúrbios a serem facilmente resolvidos com medicações, vendo, por diversas vezes, comportamentos comuns da infância sendo tratados como indisciplina e colocados no hall dos comportamentos disfuncionais.

A medicalização entra neste contexto justamente para “consertar” o que a escola e a família enxergam como comportamentos a serem corrigidos para manter a ordem na sala de aula e, muitas vezes, a paz e a organização em casa. Assim, o que vemos é a medicação entrando não como um suporte ao melhor desenvolvimento da criança e aprendizado do aluno, como ela é vendida por médicos, psicólogos e psicopedagogos, mas como uma muleta à falta de preparo da comunidade adulta que cerca a criança em lidar com as fases de descobertas da infância, a construção dos filtros sociais e a quebra de expectativas do que se espera de um aluno em sala de aula.

CAPÍTULO 2: O ENSINO DE GEOGRAFIA

Quando falamos sobre o ensino de Geografia nas escolas, é fácil pensar em como o envolvimento do aluno é importante para a apreensão do conteúdo. Engajar a criança na aula e envolvê-la ao que está sendo passado é importante para que o pensamento crítico seja estimulado. Uma proposta crítica exige julgamento, escolha consciente e responsabilidade, tanto por parte dos professores como por parte dos alunos que vivenciam junto com o professor o que é produzido em aula. A criticidade implica numa relação de sujeitos que se educam no espaço da sala de aula e, para tanto, a liberdade de expressão, de agir e de expor o que se é e o que se pensa são essenciais para a boa prática.

Depreende-se dessa análise que a escola é um espaço para a construção de um conhecimento que tenha reflexo na vida da criança e do adolescente e que a Geografia enquanto seu componente curricular é um instrumento de visualização da realidade, pois, permite a apreensão dos fatos sociais desvendando os “nós” que explicam as razões da construção desse mundo no capitalismo. Entretanto, para alcançar o cumprimento dos objetivos desse ensino há a necessidade de uma conjugação entre o saber do aluno, o saber do professor, o currículo, entre outros, ou seja, para aprender a Geografia que faça sentido para a comunidade escolar e para a vida deve-se ir além da naturalização dos fatos, deve-se primar por uma interlocução entre a teoria e a prática. (SANTOS, 2011, p. 4)

A aprendizagem oriunda do envolvimento do aluno é parte do foco do ensino crítico de Geografia. Para isso, é preciso entender cada aluno, pensando em suas necessidades de expressão, comunicação e raciocínio e na melhor forma de engajamento, mas também na melhor estratégia para a faixa etária. Aqui, trataremos especificamente do sexto ano, que é a primeira série do Ensino Fundamental Anos Finais.

Contando com alunos de 11 a 12 anos, usualmente, esse momento do ensino fundamental é de grandes descobertas, com tantas mudanças entre a saída do 5º ano e a chegada ao 6º ano. Essa transição entre o Ensino Fundamental Anos Iniciais e o segmento do anos finais pode ser turbulenta devido às grandes mudanças pelas quais os alunos passam, tanto pessoalmente, no processo de crescimento e de lidar com novas responsabilidades, quanto academicamente, com o aumento no número de professores, disciplinas e tarefas. É de se esperar, então, que o turbilhão de informações tenha algum efeito negativo em questão de desorganização, dificuldade de atenção e de manter a obediência esperada diante

de tantas experiências novas e excitantes. Mas cabe a nós nos questionarmos qual a organização esperada para uma criança de 11 anos, de que formas estamos criando condições para o desenvolvimento da atenção, já que esta é uma função cognitiva superior, desenvolvida em meio a cultura e a sociedade, e, mais ainda, como educadores devemos questionar a noção de obediência dentro e fora da sala de aula.

Dessa forma, os conteúdos trabalhados na Geografia devem ser pensados nesse contexto e desenvolvidos voltados para essa sala de aula, que não é uniforme e não absorverá a aula da mesma maneira, logo, também não se comporta da mesma forma. O uso de diferentes linguagens, os trabalhos de campo desenvolvidos e a contextualização da Geografia com problemas reais do cotidiano dos alunos, por exemplo, podem criar condições de diferentes modos de aprender a analisar o mundo e sua posição nele, bem como as diferentes relações que produzem o espaço.

Jovens não se uniformizam numa só juventude globalizada de gostos e posturas. Existem, por certo, elementos comuns a todo arranjo societário dominante atual e que envolvem, em maior ou menor intensidade, a todos os jovens nos mais diversos pontos do planeta e nas mais diversas condições de sobrevivência, mas isso está longe de significar uma padronização de comportamentos e ideias. (FERRAZ, 2011, p. 161)

De acordo com as observações de aula realizadas neste trabalho, fica claro que conteúdos de Geografia trabalhados com artifícios imagéticos e táteis envolvem o aluno na aula e fixam as informações, as sensações e os sentimentos expostos naquele momento. Além disso, enfrentamos cada vez mais o problema dos múltiplos estímulos aos quais as crianças e jovens estão expostos diariamente, com as diversas telas que os cercam e com conteúdos tão curtos e efêmeros que estimulam a falta de foco e concentração na mesma temática por um período mais longo.

CAPÍTULO 3: EXPERIÊNCIAS EM SALA DE AULA

As aulas de Geografia observadas neste trabalho abordaram o tema tipos de rocha no sexto ano do ensino fundamental anos finais. A escola é particular e bilíngue de classe média-alta, tendo cerca de 1500 alunos no total. São mais de 400 alunos somente no Ensino Fundamental Anos Finais, com 18 salas de 6° a 9° ano. Eu sou assistente da coordenação do segmento, então conheço e lido diariamente com a maior parte dos alunos, o que me fez optar por não fazer interferências ou manter diálogos com eles durante as observações. A princípio foi difícil, pois eles estranharam minha presença em sala de aula mesmo após ter explicado que era “para um trabalho da faculdade”, mas pouco tempo depois se acostumaram com a minha presença, o que me parece não ter influenciado em grande medida o cotidiano da turma.

O sexto ano tem 124 alunos organizados em 5 turmas. As turmas escolhidas foram o 6°A e o 6°D, que contam com 25 alunos cada e possuem algumas semelhanças: ambas possuem alunos com laudos de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e são consideradas salas indisciplinadas nos comentários que nascem na sala dos professores, da coordenação e até dos próprios alunos, que se dizem bagunceiros. Os laudos de TDAH são realizados por psicólogos e neurologistas em conjunto com base em testes e exames realizados a pedido dos pais, por vezes influenciados pela escola com queixas de falta de atenção, desorganização e hiperatividade.

Os alunos sentam em grupos colaborativos de 4 ou 5 alunos, ao invés de sentarem enfileirados. Nessas duas salas, temos 5 grupos de 5 alunos. Cada sala do ensino fundamental possui um monitor de sala, que é um estagiário contratado para ser um assistente de professor e auxiliar as crianças durante as aulas.

O segmento dos Anos Finais possui uma grade horária de 35 aulas de 45 minutos por semana, entrando às 8h e saindo às 15h com um intervalo de 45 minutos no meio da manhã e uma hora de almoço ao meio dia e trinta. O currículo do sexto ano em português (L1) conta com português, matemática, história, Geografia, ciências, arte e tutoria, enquanto o currículo de língua estrangeira (L2) conta com *language arts*, *social studies*, *math*, *science*, *coding*, *counseling*, *performing arts* e espanhol. São 12 professores para essas turmas, mas mais de 30 para o segmento todo. É uma escola em parceria com o Google for Education,

contando com diversos artifícios tecnológicos dentro e fora da sala de aula para uma experiência mais interativa entre os alunos e o conteúdo.

O currículo conta com duas aulas de Geografia por semana e foram observadas 4 aulas, duas em cada turma, sendo as duas ocasiões “dobradinhas”. O foco da observação foram os alunos e sua relação com o conteúdo, com o professor e com as dinâmicas da sala de aula. Assim, prestou-se atenção inclusive nos diálogos que surgiam entre pares que não necessariamente estavam relacionados ao tema e ao debate mobilizado pelo professor, nos artifícios utilizados pelo professor para envolver os alunos e no efeito que eles causavam.

Eu me positionei ao fundo da sala para que pudesse ver a lousa, o professor e os alunos sem que chamasse muito a atenção deles, para não dispersar e causar qualquer tumulto. Registrei minha observação em meu caderno utilizando palavras-chaves nos momentos mais agitados e conversei com o professor ao final das aulas, falando sobre impressões da aula e do comportamento da sala, mostrando minhas anotações e falando sobre a minha percepção da aula.

3.1. OBSERVAÇÃO NO 6º ANO A

O professor começa a aula com brincadeiras, falando de futebol com um aluno mais agitado e pedindo que todos guardem seus celulares e iPads. Ele traz consigo uma caixa sem identificação por fora, o que por si só desperta a curiosidade dos alunos, que perguntam o que há naquela caixa. Ele responde que o conteúdo da caixa será usado mais adiante e que, agora, haverá uma conversa. Ele coloca uma apresentação de *slides* na lousa branca e começa a explicação teórica sobre tipos de rochas. Os alunos se dispersam um pouco ao longo dos 20 minutos de exposição, conversando entre si, devido à proximidade causada pelos grupos colaborativos, mas o professor consegue mantê-los engajados quando mostra imagens e associa os tipos de rochas com o cotidiano deles (a pia de granito, o quartzo que uma aluna carrega como cristal de proteção e as estátuas de mármore nos museus que visitaram pelo mundo). Os alunos conversam entre si sobre isso, com exceção de alguns alunos que jogam em seus iPads. O professor teve de parar a explicação duas vezes para pedir que alunos diferentes parassem de jogar e guardassem o iPad. Um grupo de 5 alunas, escrevendo em seus cadernos de Geografia, conversavam sobre *lettering*, a prática de desenhar e enfeitar as letras de

uma palavra ou frase, enquanto usavam diversas canetas coloridas para escrever “tipos de rochas” em seus cadernos.

Quando chega o momento de utilizar a caixa, após cerca de 30 minutos do início da aula, todos eles ficam alvoroçados, mas a conversa cessa. A atenção se volta para o professor até que ele separe 5 grupos de rochas e dê uma a cada grupo. Dentre elas, temos granitos, arenitos, micas, quartzos coloridos e basaltos. Os alunos devem classificar as rochas de acordo com os critérios apresentados na parte expositiva da aula e na tabela projetada na lousa. Um dos grupos chama mais atenção, pois é composto por alunas mais introspectivas e, nesse momento, elas discutem entre si sobre uma das rochas. É interessante observar como os alunos interagem entre si quase sem notar a presença dos adultos na sala, gritando e se exaltando quando encontram opiniões divergentes entre eles. Nota-se no cotidiano escolar a preocupação dos professores sobre os efeitos da pandemia de COVID-19 na dificuldade em socializar que os alunos dos anos iniciais estão enfrentando, como a dificuldade na linguagem oral e na relação interpessoal de decisões coletivas.

Os alunos mais agitados, que conversam no decorrer das aulas, levantam a todo momento e estão sempre fazendo algo diferente enquanto a aula está em andamento, como brincando com os *Pop-It's*, brinquedos anti-stress que viraram febre entre as crianças e jovens, acabaram a tarefa primeiro e começaram a jogar em seus iPads, fazendo com que o professor encerrasse o momento de observação após cerca de 20 minutos. A primeira aula já havia acabado, então se ouvia um pouco de barulho no corredor com a troca de professores, o que acredito ter dispersado o grupo de meninos sentado perto da porta. O professor para de circular pela sala e volta para a frente da lousa, chamando cada grupo para mostrar suas rochas e sua classificação. Os alunos realmente se engajaram na tarefa, pedindo ajuda para o monitor da sala e até para mim, que tentei interferir o mínimo possível. Foi muito curioso perceber como eles estavam inseguros voltando seus olhos para o quadro na lousa e para as rochas na mesa incessantemente, e mesmo assim estavam acertando praticamente todas as classificações. O professor teve de pedir silêncio diversas vezes durante as apresentações de cada grupo, pois os outros colegas se voltavam para as próprias atividades imaginando se havia algum erro ao ver uma rocha parecida com classificação diferente nas mãos de outro grupo. O grupo de meninos sentado perto da porta (o mais distante da lousa) se dispersou

falando de figurinhas da copa, no que o estagiário de sala teve de tomar as figurinhas para devolver apenas ao término da aula.

Durante as apresentações, o professor ia orientando e mostrando as rochas para a sala enquanto o grupo falava delas. Ele perguntava o porquê da classificação, como chegaram a essa conclusão e perguntava para a sala se estava correta. Achei interessante que a sala toda se envolveu no trabalho de cada grupo e até os alunos “com laudo” participaram ativamente do momento de atividade em grupo e da correção. A atenção envolvida nesse processo é muito importante para desenvolver a atenção voluntária, propiciando formas educativas que desenvolvem as funções superiores (EIDT, TULESKI, FRANCO; 2014, p. 94).

Foi fácil notar o envolvimento dos alunos com o conteúdo e como eles estavam satisfeitos em fazerem a exposição para a sala. Porém, quando a aula voltou para o momento de exposição novamente, os alunos estavam muito dispersos e conversando muito entre si. Acredito que isso se deva ao fato de já terem passado boa parte do tempo focados na atividade, talvez a parte expositiva tenha chegado num momento em que eles já estavam mais cansados. Levou alguns minutos para que eles se acalmassem e voltassem a atenção para a aula, mas, quando a sala se concentrou, a aula fluiu novamente sem grandes intercorrências, fazendo até com que acabasse alguns minutos antes do horário de término. Todo o conteúdo planejado foi passado e a aula se desenvolveu bem.

Acredito que a observação das aulas no 6ºA mostrou como o envolvimento do aluno e os recursos táteis são importantes para o desenvolvimento do conteúdo e o exercício da atenção, mas a observação no 6ºD nos faz questionar se esses artifícios são o suficiente.

3.2. OBSERVAÇÃO NO 6º ANO D

A sala do sexto ano D é dividida em 5 grupos colaborativos, sendo 3 grupos com 5 alunos, um grupo com 4 e um grupo com 6. Eles estavam voltando da educação física, o que fez com que alguns alunos se atrasassem no caminho da quadra até o prédio, passando no banheiro e enchendo suas garrafinhas de água. O estagiário da sala tenta organizar os alunos enquanto o professor pede que todos guardem seus celulares e iPads. Isso acontece em todas as salas, de sexto a nono

ano, pois os alunos estão sempre muito conectados à internet e aos artifícios dela, seja para fins educacionais, seja, mais frequentemente, para uso recreativo.

Essa sala, junto ao 6º ano A, é considerada uma das salas mais “bagunceiras” do sexto ano. A aula efetivamente começou com quase 15 minutos de atraso e muitas figurinhas tomadas pelo estagiário da classe, que tenta controlar a sala com tais punições. Essa sala tem mais meninas que meninos e elas passam muito tempo no *TikTok*, o que estavam fazendo até o professor começar a aula. Um grupo me mostrou um vídeo que o professor gravou com elas fazendo uma dancinha engraçada, um tipo de vídeo viral do momento, que os usuários do aplicativo chamam de “trend”. Elas estavam bem animadas me mostrando e é possível perceber como elas gostam dessas interações que os professores mais jovens permitem que aconteçam. Acredito que seja uma forma de engajamento com os alunos que substitui a autoridade pelo companheirismo, e isso me parece muito benéfico já nesta idade.

O momento de exposição foi mais conturbado que no 6ºA, com muitos diálogos paralelos sobre a Copa do Mundo e as Olimpíadas de Integração da escola, que aconteceriam na semana seguinte. Enquanto o professor falava, os alunos conversavam entre si, fazendo com que o estagiário tivesse de interferir nos grupos para o bom andamento da aula. Em ambas as observações eu procurei me manter afastada, mas tive de pedir silêncio discretamente para o grupo sentado mais ao fundo da sala, pois os meninos estavam cochichando durante a explicação da atividade de observação e classificação das rochas.

Quando as rochas foram distribuídas, os grupos se concentraram na classificação, mas ainda assim com muita conversa. O que era de se esperar é que, com tanta conversa e agitação, tivéssemos muitos erros na classificação, mas não foi o que aconteceu. Quando os grupos foram apresentar, tivemos pouquíssimos erros e os alunos souberam falar muito bem das escolhas de categorias.

Mesmo com o que os professores, a coordenação e os próprios alunos chamam de bagunça, a sala entendeu as orientações e alcançou os objetivos esperados na atividade. Isso nos faz pensar em como a absorção do conhecimento se dá de maneira diferente de sala para sala, de criança para criança.

CAPÍTULO 4: GEOGRAFIA E MEDICALIZAÇÃO

O ensino de Geografia na educação básica tem grande relevância, pois, por meio de seus conceitos o aluno tem a possibilidade de entender a formação do seu espaço de vivência e a partir daí os mecanismos que produzem o espaço mundial, assim, o estudo dessa disciplina escolar constrói as competências e habilidades necessárias para o desenvolvimento de um aluno crítico, capaz de perceber a trama das relações que formulam a sociedade em que está inserido, nesse sentido, a Geografia colabora para a formulação de uma educação em que todos possam ter acesso. (SANTOS, 2011, p. 13)

A partir do que foi exposto e constatado no capítulo anterior, cabe a nós pensar em que momento a Geografia pode colaborar para a formação da atenção no comportamento dos alunos. Trabalhando o desenvolvimento de cada criança como um ser humano único, não como uma pessoa em potencial, temos a chance de perceber o real papel do professor, que não é o de médico em sala de aula.

Assim como toda relação no sistema capitalista, a educação também foi mercantilizada. As escolas bilíngues, pertencentes a grandes corporações educacionais, estabelecem com as famílias uma relação de aluno-cliente. E o cliente tem sempre razão. Esse movimento, além de atar as mãos do professor ideologicamente, retira dos adultos de maneira geral a autoridade e a noção de responsabilidade pelas crianças e as transfere para as mãos destas. O aluno é colocado em posição de ditar suas próprias regras e viver conforme suas próprias leis, mas é cobrado e tem seu desenvolvimento mensurado a partir das concepções do mundo dos adultos, do qual as crianças foram excluídas (ARENDT, 1961), dificultando a criação da autonomia como estudante e como ser humano nesse momento da vida.

A ciência geográfica preocupa-se em entender a relação homem-natureza em sua dinâmica espacial, como ele se relaciona com o espaço e como este influencia e é influenciado pelo homem. A disciplina Geografia, portanto, media as discussões científicas com a sua função social de desenvolver nos estudantes o raciocínio geográfico para compreender as constantes transformações do homem, sociedade e natureza e, com isso, ajudar os alunos a construir concepções e percepções do seu lugar no espaço, a se localizar no mundo. Os materiais tornam-se recursos didáticos com um papel no desenvolvimento humano e na aprendizagem da forma como se analisa a realidade por meio da Geografia, sendo um meio de incentivar a atividade intelectual dos alunos de modo que eles possam interagir com o conteúdo e, assim, construir o conhecimento geográfico.

Vigotski (1979), na Teoria Histórico-Cultural, aponta uma natureza social da aprendizagem, enxergando a partir das interações sociais que o indivíduo desenvolva suas funções psicológicas superiores. Nesta perspectiva há uma primazia entre a proposta do autor que se adequa aos pressupostos do ensino de Geografia, considerando o processo ensino-aprendizagem como um processo dialético que é caracterizado por transformações, alterações, movimentos e mudanças, em que se incluem fatores internos e externos. A construção do saber geográfico não se faz distante da realidade do aluno, apenas com abstrações descritivas. As referências espaciais, culturais e de mundo dos jovens devem ser utilizadas pelos professores, pois são potencializadoras da sua aprendizagem e é o que traz o aluno para a aula, o que constrói o momento de atenção à aula.

Quando notamos a falta de atenção e a repreendemos sem nos questionarmos o que há de errado, vemos crianças cheias de criatividade, que têm suas capacidades desvalorizadas e cerceadas em escolas em que a padronização da produção é uma meta.

Eram – e são – seres humanos em que a inquietação intelectual e a curiosidade com o mundo e a vida conflita com as longas sessões de atividades repetitivas e sem sentido para eles, fundadas na educação para o trabalho na linha de montagem. E, ainda com essa referência, que exigem um ritmo padrão de realização de atividades, a que os mais rápidos ou mais lentos, perfeitamente saudáveis, não conseguem se encaixar (SOUZA, 2014, p. 14).

Assim, à medida que a Geografia se propõe a pensar a educação e a sala de aula de forma crítica, fora dos moldes doutrinadores capitalistas, que podam a liberdade de expressão, pensamento e comunicação dentro e fora da sala de aula, temos nela a esperança de uma escola menos excludente e mais acolhedora, sem a busca pela homogeneidade, mas valorizando cada aluno como um ser humano único.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A medicalização não estaria associada necessariamente à criação de patologias, a patologização seria uma das faces, entre muitas, da medicalização. Quando características como a tristeza, a inquietude infantil, a timidez, a rebeldia adolescente, que são inerentes ao humano, se transformam em patologia, estamos diante de um processo de patologização da vida (RIBEIRO, RODRIGUES; 2020, p. 2).

Não cabe a mim ou aos professores avaliarmos a necessidade da medicação ou questionarmos o diagnóstico, mas, como educadores, é fundamental que não sejamos coniventes com essa prática que pode se assemelhar à violência. Remédios são manipulados quase que indiscriminadamente para que as crianças alcancem o rendimento acadêmico desejado, pensem e ajam da forma que nos convém e sejam cada vez menos crianças. Não é preciso estar em sala de aula para entender que os efeitos das medicações ultrapassam suas quatro paredes e, portanto, aquelas devem ser discutidas também fora destas. Como sociedade, temos deveres para com nossas crianças, como bem sintetiza Hannah Arendt (1961):

Daqui resulta que, não apenas os professores e os educadores mas também cada um de nós, na medida em que vivemos em conjunto num único mundo com as crianças e os jovens, devemos adotar relativamente a eles uma atitude radicalmente diferente daquela que temos uns com os outros. (ARENDT, 1961, p.13)

O isolamento social que vivemos até o segundo semestre de 2021, quando a escola em questão reabriu sem restrições e sem a continuidade das aulas híbridas, fez com que crianças, não só as diagnosticadas com transtornos disruptivos, fossem privadas do convívio social de uma forma mais abrupta que a própria medicação, que tenta controlar seus corpos e mentes partindo do princípio capitalista de que aquilo que não está funcional deve ser consertado ou descartado. Contudo, em determinado momento, ele acabou, nós “voltamos ao normal”, as escolas reabriram normalmente e elas, que já tinham dificuldades, agora não sabem o que fazer para socializar, para se encaixar, e ainda encontram outras crianças que não tinham grandes impasses, mas agora também sofreram os impactos da clausura.

A responsabilidade por essas crianças é dos pais sempre, dos professores e demais funcionários na escola e da sociedade como um todo desde o momento em que elas chegam ao mundo. Medicalizar (GUARIDO; VOLTOLINI, 2009) é não só tirar essa responsabilidade de nossos ombros, como principalmente não aceitar que crianças sejam crianças, que pensem como crianças, que ajam como crianças num

mundo de adultos. “A educação moderna, na medida em que tenta estabelecer um mundo próprio das crianças, destrói as condições necessárias para o seu desenvolvimento e crescimento, [...]” (ARENDT, 1961, p.9) e falha com elas, com nós mesmos e com o futuro coletivo.

A escola é uma instituição de aprendizagem, mas deve ser também e primordialmente um lugar de socialização, de acolhimento, de segurança, não um espaço de prova de resistência e provações para se encaixar ao “normal”. A escola e os professores têm papel fundamental no trabalho de socialização de nossas crianças e na luta para que ela mesma não seja um ambiente de convivência com as práticas capitalistas de dominação, e sim um ambiente em que incentivemos nossas crianças a analisarem criticamente sua realidade e lutarem pela emancipação e pela igualdade.

A educação é assim o ponto em que se decide se se ama suficientemente o mundo para assumir responsabilidade por ele e, mais ainda, para o salvar da ruína que seria inevitável sem a renovação, sem a chegada dos novos e dos jovens. (ARENDT, 1961, p.14)

O ensino de Geografia, então, deve se propor a pensar o fenômeno da não-aprendizagem como um problema produzido pelo estágio atual da sociedade capitalista, que interfere na criação das relações, parte fundamental para construção do conhecimento. A aprendizagem dentro e fora da sala de aula deve se pautar na inclusão e na aplicação de métodos educativos que acolham o grande contingente de estudantes impedidos de apropriar-se do conhecimento até então. A Geografia, com sua potencialidade de visão crítica do mundo ao nosso redor, tem um longo caminho pela frente. Nós, como educadores, devemos questionar o aumento crescente de diagnósticos de transtornos disruptivos e responder à medicalização com a constituição da atenção voluntária através da mediação dos signos, informações e conhecimento entre pares, sem que as implicações socioeducacionais e históricas sejam desconsideradas, para que o ensino de Geografia possa ser potente, crítico e transformador como queremos.

BIBLIOGRAFIA

ARENDT, Hannah. **A Crise na Educação**. Between Past and Future: Six Exercises in Political Thought. New York: Viking Press, 1961, p. 173-196 (tradução).

Barbosa, Saionara Aparecida. MAPEANDO AS CONTROVÉRSIAS QUE ENVOLVEM O PROCESSO DE MEDICALIZAÇÃO DA INFÂNCIA. **Psicologia & Sociedade** [online]. 2019, v. 31 [Acessado 10 Julho 2022] , e213211. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31213211>>.

COSTA, Tatiane dos Santos; DAMASCENO, Monica de Araújo; FONSECA, Thaisa da Silva; NEGREIROS, Fauston. PAPEL DO PROFESSOR FACE À MEDICALIZAÇÃO: ESTUDO EXPLORATÓRIO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO. **Psicologia da Educação**. Piauí, 2019, v. 49, p. 89-97.

EIDT, Nadia Mara; TULESKI, Silvana Calvo; FRANCO, Adriana de Fátima. ATENÇÃO NÃO NASCE PRONTA: O DESENVOLVIMENTO DA ATENÇÃO VOLUNTÁRIA COMO ALTERNATIVA À MEDICALIZAÇÃO. **Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente-SP, 2014, v. 25, n. 1, p. 78-96.

FERRAZ, C. B. O. A Geografia da educação na sociedade do conhecimento: sombras do desconhecimento. In: **Ensino de Geografia: Novos Olhares e Práticas**. Flaviana Gasparotti Nunes (Organizadora). Editora EFGD, 2011, 200p.

GIUSTI, Karina Gomes. **A medicalização da infância: uma análise sobre a psiquiatrização da infância e sua influência na instituição escolar**. 220 f. 2016. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis SC, 2016.

Guarido, Renata e Voltolini, Rinaldo. **O que não tem remédio, remediado está?**. Educação em Revista [online]. 2009, v. 25, n. 1, p. 239-263.

HAHNE, Beatriz S. **Sobre a indisciplina e o ato infracional: experiências escolares de alunos e professores**. 2017. 176p. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo/Brasil, 2017.

JÚNIOR, Édison de Britto Rangel. **PERCEPÇÕES ACERCA DO PAPEL DA ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL DE INDIVÍDUOS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE/TDAH**. 287 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba - Paraná PR, 2007.

Leite, Hilusca Alves; Rebello, Marilene Proença. O DESENVOLVIMENTO DA ATENÇÃO COMO OBJETO DE ESTUDO: CONTRIBUIÇÕES DO ENFOQUE HISTÓRICO-CULTURAL. **Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente-SP, 2014, v. 25, n. 1, p. 59-77.

LUENGO, Fabiola Colombani. **A VIGILÂNCIA PUNITIVA: a postura dos educadores no processo de patologização e medicalização da infância**. 120 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis SP, 2009.

PATTO, M.H.S. **Psicologia e ideologia**. Uma introdução crítica à psicologia escolar. São Paulo: T.A. Queiroz, 1984;

Ribeiro, Erilza Faria e Rodrigues, Maria Goretti Andrade. ESTUDO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE FRENTE À MEDICALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM. **Psicologia Escolar e Educacional** [online]. 2020, v. 24 [Acessado 10 Julho 2022] , e218032. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-35392020218032>>

SANTOS, Ricardo Menezes. A GEOGRAFIA CRÍTICA EM SALA DE AULA: REFLEXÕES A PARTIR DO ENSINO DA QUESTÃO AGRÁRIA BRASILEIRA. **V Colóquio Internacional “Educação e contemporaneidade”**. São Cristóvão-SE/Brasil, 2011, v. 1, eixo 05, 15p.

Souza, Beatriz de Paula. PUXANDO O TAPETE DA MEDICALIZAÇÃO DO ENSINO: UMA OUTRA EDUCAÇÃO É POSSÍVEL. **Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente-SP, 2014, v. 25, n. 1, p. 299-316.

VYGOTSKI, L. S. O desenvolvimento dos conceitos científicos na infância. In: **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Antídoto, 1979. p. 111-156.